

**PARQUINHO:
RELATO DE UMA
EXPERIÊNCIA
EM PROCESSO**

A OCUPAÇÃO QUILOMBO GUERREIRA DANDARA ESTÁ VINCULADA AO MOVIMENTO SEM TETO DA BAHIA (MSTB) E FICA LOCALIZADA NO BAIRRO CASSANGE, EM SALVADOR/BA. A REGIÃO COMPREENDE A DIVISA DA CIDADE DE SALVADOR/BA COM OS MUNICÍPIOS DE LAURO DE FREITAS E SIMÕES FILHO, DISTANTE DA INFRAESTRUTURA URBANA E DOS CENTROS DE SERVIÇOS ESPECIALIZADOS. O NOSSO TRABALHO FOI CONSTRUÍDO COM INTENSA ARTICULAÇÃO COM SOLANGE SANTOS (LIDERANÇA E MORADORA DA OCUPAÇÃO) E COM JULIANA SANTOS (LIDERANÇA DO MSTB), ALÉM DOS DE MAIS MORADORES DA OCUPAÇÃO QUE PARTICIPARAM ATIVAMENTE DE TODO O PROCESSO, E COM ISSO CONSTRUÍRAM CONJUNTAMENTE CONOSCO OS RUMOS E RESULTADOS DESTES TRABALHOS.

AO LONGO DESTES TRABALHOS, TEMOS COMO OBJETIVO APRESENTAR, DE FORMA DESCRITIVA E REFLEXIVA, OS PROCESSOS, ATIVIDADES E DESDOBRAMENTOS RELACIONADOS À NOSSA ATUAÇÃO ENQUANTO GRUPO DE APOIO TÉCNICO JUNTO À OCUPAÇÃO. O TRABALHO, QUE SE INICIOU COM A INTENÇÃO DE CONSTRUÇÃO DE UM PARQUINHO INFANTIL DEMANDADO PELA OCUPAÇÃO, GANHOU CORPO AO SE CRUZAR COM OUTROS AGENTES: O INSTITUTO GOETHE¹ NAS PESSOAS DE CAROLINE RIBEIRO E LIS CORREIA; O GRUPO DE PESQUISA TERRITÓRIOS, HEGEMONIA, PERIFÉRIAS E AUSÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)² NAS PESSOAS DE RAIANE SILVA E CELSO FAVERO; THOMAS OLIVEIRA, BIOCONSTRUTOR BAMBUZEIRO; E O PRÓPRIO MSTB, ALÉM DOS MORADORES DA OCUPAÇÃO.

A TROCA ENTRE REDES DO MOVIMENTO, DE APOIOS E DE APOIADOS SE DESENVOLVEU PROFUNDAMENTE NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2021, GERANDO MOMENTOS PRECIOSOS DE LEITURAS E CONSTRUÇÃO COLETIVA DO TERRITÓRIO. NESSE SENTIDO, FORAM REALIZADAS ATIVIDADES DE LEVANTAMENTO CENSITÁRIO, PRODUÇÃO CARTOGRÁFICA E ORGANIZAÇÃO DE MUTIRÕES PARA CONSTRUIR E CUIDAR DE ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS COLETIVOS. ESSA CONSTRUÇÃO COLETIVA EM REDE ACABOU SE TORNANDO O OBJETO CENTRAL DESTES TRABALHOS. A PARTIR DISSO, TÊMOS REFLEXÕES SOBRE METODOLOGIAS QUE MOBILIZAM NOSSA ATUAÇÃO EM REDE, COMO O MÉTODO CARTOGRÁFICO, ATRAVESSANDO O CONCEITO DE RIZOMA DE DELEUZE E GUATTARI; A PESQUISA-AÇÃO, DE THOLLENT; ALÉM DA GEOGRAFIA DOS AFETOS, INTENSIFICADA A CADA ATIVIDADE. COM ISSO, IDENTIFICAMOS OS GANHOS PARA OS DIFERENTES GRUPOS ENVOLVIDOS, PRINCIPALMENTE PARA A LUTA DO DIREITO À MORADIA E MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE HABITABILIDADE DA OCUPAÇÃO.

¹ O Goethe-Institut é o instituto cultural de âmbito internacional da República Federal da Alemanha. Promovemos o conhecimento da língua alemã no exterior e o intercâmbio cultural internacional.

² O grupo de pesquisa Territórios, Hegemonia, Periferias e Ausências (UNEB) é liderado por Celso Favero e faz parte do Adapta Sertão, que desde 2006 está desenvolvendo e testando um conjunto de ações para aumentar a resiliência climática dos produtores familiares que vivem na região semiárida.

DESENHANDO UM PARQUINHO

FIGURA 1: BRINCADEIRAS DO COTIDIANO
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



A busca de uma assessoria para construção coletiva de um parquinho na ocupação Quilombo Guerreira Dandara foi o tema central colocado por Sol desde os primeiros contatos¹ com o nosso grupo de assessoria técnica. No entanto, o planejamento geral das atividades que se realizaram no território, por contemplarem também outros grupos parceiros da ocupação, acabou por posicionar as atividades restritas à construção do parquinho estrategicamente como as últimas atividades programadas para o ano de 2021. As atividades precedentes certamente influenciaram diretamente na direção dada às atividades de planejamento do parquinho, tanto por uma maior afinidade e confiança entre assessores e moradores como também por uma certeza maior de que o parquinho era um desejo coletivo, dado que foi tema recorrente nos encontros e conversas com os moradores².

¹ Mais sobre os primeiros contatos e história da ocupação estão detalhados no caderno Em Dandara.

² Os resultados sobre o CENSO aplicados na ocupação estão no caderno Leituras Sócio-Espaciais. Nele o espaço destinado para parquinho está entre os maiores desejos dos moradores.

Para a construção do parquinho nós tivemos como responsabilidade a organização dos processos de projeto e construção, ambos pensados para serem realizados coletivamente, no entanto com recurso de apenas R\$150,00³ disponíveis para consumo inicialmente. Logo, um fator que se mostrou determinante desde o início foi a necessidade de realizar parcerias com outros agentes, assim como estratégias de arrecadação, ambos com a finalidade de complementar os recursos.

Além do recurso disponível, outras condições dadas desde o início das atividades voltadas ao projeto e planejamento também direcionaram as ações. Por exemplo, a área destinada ao projeto (aproximadamente 50m²)⁴, o próprio uso (parquinho infantil), e o interesse no processo formativo para moradores de outras ocupações do MSTB, que pensamos ser uma possível abordagem do formato mutirão. Esses foram pontos determinantes para organização das atividades, análise de viabilidade e orçamento do parquinho.

Considerando essas condições, optamos por pesquisar as possibilidades de construir brinquedos utilizando materiais pouco convencionais na construção civil, como por exemplo pneus e bambu. Sendo assim, não realizamos uma estimativa de custos, por não haver um horizonte de projetos similares para comparação. O primeiro passo para organizar a gestão desse processo foi elaborar um calendário para compreender o tempo disponível e poder dialogar com os moradores acerca das datas, tentando assegurar que não fosse um processo desgastante, mas preciso.

³ Esse valor foi repassado a todos os grupos da quarta edição da Residência no início dos trabalhos em campo. Sua origem foi de resquícios da atuação do grupo Mobiliza RAUE durante o início da pandemia de COVID-19 em Salvador-BA. O grupo que era formado por residentes e professores buscou, através de editais, maneiras de contribuir para mitigar os impactos da COVID-19 em territórios populares de Salvador.

⁴ A localização prevista para o parquinho assim como sua relação com os demais espaços da ocupação pode ser consultada no caderno Dandara no Mapa

OUTUBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

NOVEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

DEZEMBRO

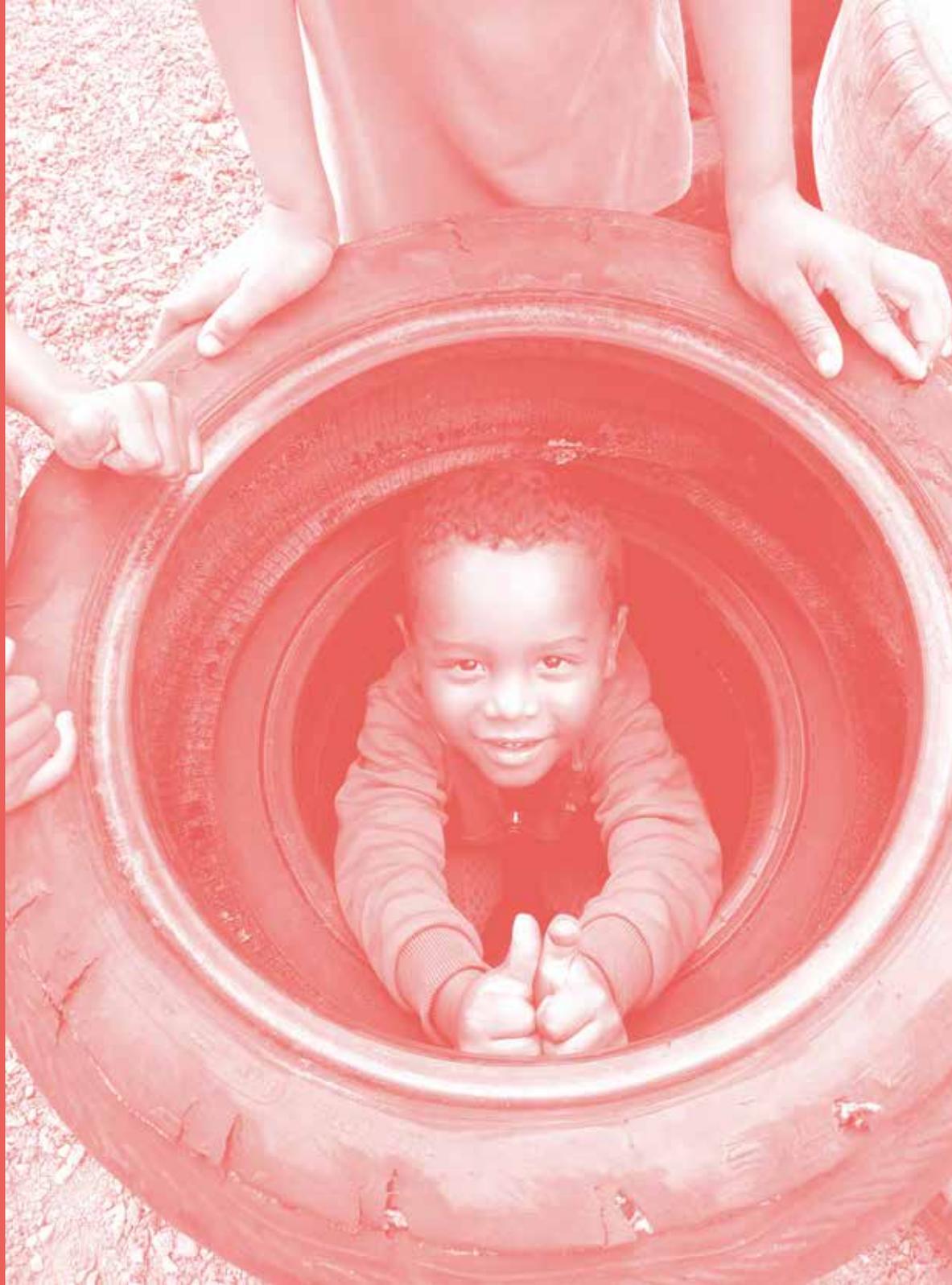
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

-  ENCONTROS DE PLANEJAMENTO, PROJETO E PREPARAÇÃO
-  ENCONTRO ADICIONADO: AULA SOBRE BAMBU
-  PREVISÃO DO MUTIRÃO

Esse primeiro calendário acordado com os moradores marcava um primeiro encontro para o dia 24 de outubro de 2021 (atividade 1), um segundo encontro 15 dias depois (atividade 2), e o mutirão aproximadamente um mês depois do segundo encontro. As duas primeiras datas seriam para projeto e planejamento, enquanto o mutirão - com a data mais afastada para haver tempo de resolver questões de logística - duraria três dias e teria formato similar ao que já havia sido feito na construção da fossa ecológica⁵.

⁵ No caderno Autoconstruindo Saneamento Ecológico está descrito detalhadamente como funcionou o mutirão e sua preparação.

FIGURA 2: GABRIEL BRINCANDO COM PNEUS DA FOSSA.
FONTE: ILIS CORREIA (2021).



ATIVIDADE 1 CONHECENDO OS BRINQUEDOS E APRENDENDO A CONSTRUIR

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

FOTOGRAFIAS DE BRINQUEDOS CONSTRUÍDOS COM
MATERIAIS DE BAIXO CUSTO;

PALITO DE CHURRASCO (BAMBUS);

EVAS CORTADOS EM CÍRCULOS (PNEUS);

FITA ADESIVA;

BARBANTE.

As atividades preliminares ao mutirão focaram em buscar referências de brinquedos de baixo custo e fácil execução para que fosse possível reproduzi-los. Na atividade 1, o objetivo era conhecer uma boa quantidade de brinquedos e simular a sua construção através de pequenas maquetes. Em um primeiro momento, nós colocamos em cima de uma mesa fotografias de alguns brinquedos e chamamos os adultos e as crianças para ficarem ao redor e escolherem quais

brinquedos eles gostavam mais. Nesse processo inicial, alguns argumentos interessantes já surgiram a partir dos próprios moradores para validar ou não a escolha dos seus companheiros ou até mesmo das crianças. Eles avaliaram a durabilidade do material quando exposto diretamente ao sol e à chuva, a dificuldade de execução e também a segurança dos brinquedos. Alguns moradores chegaram inclusive a nos levar para o terreno onde o parquinho seria construído para explicar melhor as suas ideias, com base no que estava sendo proposto.

FIGURA 3: ESCOLHENDO OS BRINQUEDOS PARA O PARQUINHO.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



Em seguida, foram testadas pequenas maquetes com as crianças da ocupação para uma melhor visualização e também para melhor compreensão estrutural de cada brinquedo. Cada criança se empenhou em construir com os materiais disponíveis os brinquedos que tinham gostado mais e que desejavam que estivessem no parquinho. A nossa ideia inicial era de que essas maquetes fossem construídas em escala, mas essa premissa acabou tornando o processo difícil e demorado naquele momento. Por isso, optamos por seguir orientando apenas as proporções.

Depois que as maquetes estavam prontas e as fotografias selecionadas, nós decidimos junto aos moradores quais brinquedos seriam construídos. Em seguida, conversamos com eles sobre a segunda atividade que iríamos desenvolver para a continuação do projeto do parquinho, deixando marcada a data do próximo encontro.

FIGURA 4: CRIANÇAS CONSTRUINDO A MAQUETE DE UM BALANÇO.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



FIGURA 5: ALISSON E RAÍSSA BRINCANDO COM A MAQUETE DE GOL.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



FIGURA 6: ALGUMAS MAQUETES DOS BRINQUEDOS ESCOLHIDOS.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).

ATIVIDADE 2 INSERINDO OS BRINQUEDOS NO TERRENO

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

GABARITOS COM AS MEDIDAS DOS BRINQUEDOS SELECIONADOS EM ESCALA [1/100];

FOTOGRAFIA AÉREA DO TRECHO DO PARQUINHO EM ESCALA [1/100];

DESENHO EM AUTOCAD DO TRECHO DO PARQUINHO EM ESCALA [1/100].

Com os brinquedos selecionados, nós dimensionamos suas respectivas áreas e desenhamos seus gabaritos na escala de 1/100 para determinar, em conjunto com os moradores, com um mapa impresso na mesma escala, a posição de cada brinquedo na área do parquinho. Seguindo a mesma lógica que utilizamos para a produção das cartografias sociais, nós mostramos primeiro a fotografia aérea com o trecho recortado do parquinho para que todos pudessem se familiarizar melhor com a vista aérea e em seguida a planta mais dura com a base que tínhamos desenvolvido no AutoCAD.

Em cima da planta que tinha uma aparência mais técnica, nós auxiliamos os moradores no processo de dispor os gabaritos dos brinquedos no terreno, embora eles não tivessem demonstrado dificuldade em executar essa atividade. Assim, geramos a planta que pode ser observada na imagem abaixo:

FIGURA 7: ESTUDO DO POSICIONAMENTO DOS BRINQUEDOS NA ESCALA 1:100.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



Após a construção participativa desse projeto, nós montamos um quadro⁶ com as quantidades detalhadas de cada estrutura e somamos todas elas gerando uma lista de materiais⁷ e equipamentos total para a execução do parquinho. Dessa lista, executamos um processo que mais se aproxima de um Orçamento Analítico. Nosso caso ocorreu de forma bastante simplificada, considerando a mão de obra ser por mutirão, a preferência por materiais doados e ferramentas emprestadas buscando parcerias com outros grupos e empresas, além de também não considerarmos os gastos indiretos.

FIGURA 8: ENTENDENDO O ESPAÇO A PARTIR DA PLANTA 1:100 E MAQUETES.
 FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



⁶ Quadro se encontra nas páginas 16 e 17 deste caderno.

⁷ A Lista de Materiais se encontra nas páginas 16 e 17 deste caderno.

FIGURA 9: MATERIAIS SOBRE A MESA.
 FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



BRINQUEDOS E SEUS MATERIAIS



PONTE DE PNEU

CORDA: 12.00M

EUCALIPTO: 4 UND 1.80M
2 UND 2.40M

PNEUS: 2 UND MÉDIAS



PIRÂMIDE DE PNEU

PNEUS: 18 UND GRANDES

PARAFUSOS: 36 UND

FORCAS: 36 UND

ARRUELAS: 72 UND



TORRE DE PNEU

ARRUELAS: 24 UND

FORCAS: 24 UND

BARRA ROSCADA: 1.20M

EUCALIPTO: 4 UND

PNEUS: 4 UND MÉDIAS

FORCAS: 2 UND
ARRUELAS: 4 UND
PARAFUSOS: 2 UND
PNEUS: 2 UND MÉDIAS



1 BANCO DE PNEU

PNEUS: 3 UND MÉDIAS
EUCALIPTO: 4 UND 3.00M
1 UND 4.00M

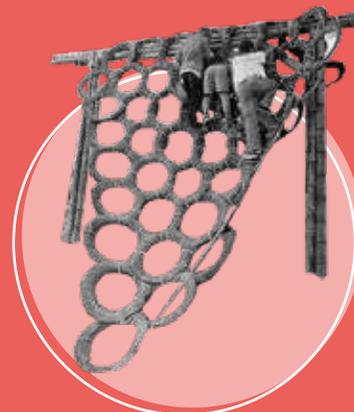


BALANÇO

CORDA: 5.00M

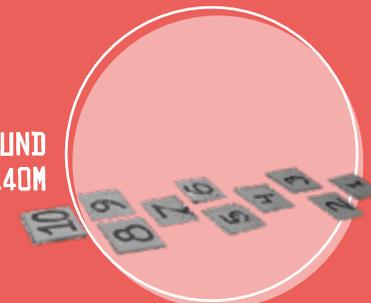
PNEUS: 20 UND MÉDIAS

EUCALIPTO: 2 UND 2.00M
1 UND 3.60M



ESCALADA DE PNEU

CONCRETO: 10 UND
0.40M X 0.40M



AMARELINHA

BOLA: 1 UND

CORDA: 1.50M

EUCALIPTO: 1 UND 2.50M



ESPIROBOL

PNEUS: X UND MÉDIAS



MINHOCA DE PNEU

ARTICULANDO A CONSTRUÇÃO COLETIVA DO PARQUINHO

FIGURA 10: DOAÇÃO DE PNEUS PARA O PARQUINHO.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



Após o desenvolvimento das atividades 1 e 2, nós começamos a articular a execução do projeto do parquinho. Enquanto foram feitos contatos com empresas e grupos parceiros para doação de material, foi possível prever também a demolição da ruína que fica imediatamente ao lado da área onde será o parquinho. Esse contato foi feito através de Raiane, bolsista do grupo Casa do Sol⁸, e não acarretaria custo para demolição, apenas para retirada do entulho. Outra conquista foi a doação dos eucaliptos pela Venturoli, em quantidade exata para construção de todos os brinquedos que necessitam de uma estrutura mais sólida.

⁸ Grupo extensionista da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), liderado pelo Professor Pós- Doutor Celso Antonio Favero.

Com a confirmação das peças de eucalipto, substituímos completamente o uso do bambu na área do parquinho por entender que o eucalipto tratado teria mais durabilidade e por isso contribuiria para a construção de brinquedos mais seguros, uma vez que não teríamos tempo para tratar os bambus. No entanto, compreendemos que ainda seria pertinente uma atividade de formação sobre bambu lecionada pela professora Akemi Tahara⁹ para os moradores do Quilombo. Dada a versatilidade do material, acreditamos que seria uma aula interessante para que moradores de Dandara e de outras ocupações do MSTB conhecessem e trocassem experiências sobre o uso da planta nos mais diferentes meios (construção, artesanato, cultivo, etc).

FIGURA 11: AKEMI DANDO AULA DE MANEJO DO BAMBU.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



⁹ Professora concursada na Universidade Federal da Bahia (2013), atua como docente permanente no Colegiado do Curso Noturno da Faculdade de Arquitetura da UFBA e coordena o Grupo Tectônica (marcenaria da FAUFBA). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-FAUFBA) e tem se dedicado à pesquisa sobre transferência de tecnologias através do bambu.

FIGURA 12: VISTA DIAGONAL FRONTAL DA ÁREA DO PARQUINHO.



FIGURA 13: VISTA DIAGONAL TRASEIRA DA ÁREA DO PARQUINHO.

FIGURA 14: VISTA TRASEIRA DA ÁREA DO PARQUINHO.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).

Assim, a terceira e última atividade planejada para realizarmos antes do mutirão foi a aula com Akemi. Nesse mesmo encontro, a intenção era de que avaliássemos o que da lista de materiais ainda faltava para a construção dos brinquedos, principalmente a quantidade de pneus que já vinham sendo coletados pelos moradores. Chegando essa data, no entanto, aconteceu um pequeno desencontro de comunicação entre parte dos moradores que impediu que a aula ocorresse da forma planejada. Mesmo assim, conseguimos caminhar pelo entorno da ocupação com dois moradores e colher bambus de espécies diferentes conversando e trocando experiências sobre o uso da planta. Foram feitos também registros de imagens e vídeos que circularam pelos grupos que fazemos parte e pelo grupo dos moradores da ocupação. Por fim os bambus foram deixados reservados na ocupação para uma segunda oportunidade de realizar a aula.

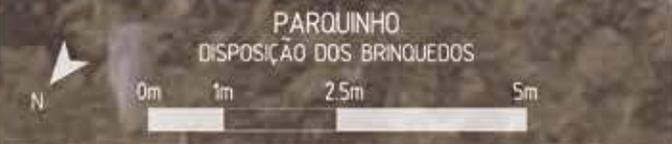
Durante a semana seguinte nos reunimos de forma virtual com Juliana Santos (liderança do MSTB e principal articuladora do movimento com nosso grupo) e Sol para alinhar as ideias quanto à realização do mutirão. Nesse momento já tínhamos a informação de que o casarão não poderia ser demolido pelo contato que Raiane fez anteriormente e por isso fizemos uma conversa coletiva para decidir se iríamos ou não adiar o mutirão. Alinhados e de acordo com o adiamento, começamos a pensar qual seria a nova data de sua execução. Como já havia poucas datas antes das festas de final de ano, sugerimos adiar para início de fevereiro de 2022 (dias 03, 04 e 05), tendo assim o mês de

janeiro para mobilizar a demolição completa da ruína. Outra decisão tomada junto aos moradores foi a de reservar uma data para convidar novamente Akemi para realizar a aula sobre bambu.

Infelizmente, o dia 05/12, marcado para nova tentativa de realização da aula, foi um dia de chuva intensa em Salvador. Aliado a isso, no dia anterior, Dona Jandira (mãe de Sol) foi internada, notícia que só tivemos já a caminho da ocupação. Dadas as circunstâncias decidimos por retornar e com pesar encerrar as atividades do ano de 2021 sem uma última visita.

Ainda no mês de dezembro, realizamos orçamentos dos insumos restantes para produção dos brinquedos, já que nem todos conseguimos por meio de doações¹⁰. Dentro desse levantamento, concluímos que a compra desses insumos poderia ser feita através do recurso de R\$150,00 que já temos. De forma semelhante, fizemos um levantamento da lista de ferramentas para compreender se teríamos acesso a todas que eram necessárias à construção e concluímos que, juntando ferramentas pessoais (assessores e moradores) e ferramentas da marcenaria da Faculdade de Arquitetura, teríamos o que fosse necessário para a construção.

¹⁰ Até o momento só havíamos conseguido doações de peças de eucaliptos e de tintas. Ambos através de contatos da professora Akemi Tahara.



RUÍNA

ESCALADA DE PNEU
3.60m X 3.50m

PIRÂMIDE DE PNEU
2.10m X 1.80m

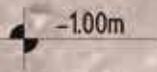
TORRE DE PNEU
0.60m X 1.20m

ESPIROBOL
2.00m X 2.00m

AMARELINHA
0.90m X 3.40m

PONTE DE PNEU
0.80m X 2.40m

MINHOCA DE PNEU
0.80m X 2.50m



MORADIA



CENTRO COMUNITÁRIO



FOSSA

RETOMADA DAS ATIVIDADES EM 2022 E PLANEJAMENTOS FUTUROS

Após as festas de final de ano retomamos as conversas sobre o parquinho em meados de janeiro e, apenas no dia 06 de fevereiro voltamos a visitar a ocupação. Esse período de final de ano foi marcado por grandes perdas na ocupação, Dona Jandira (mãe de Sol) e Seu Joaquim (marido de Maria Amada) após longo período de internação vieram a falecer e mesmo após esses tristes ocorridos o dia 06 foi marcado pela festa de aniversário de Alison (filho mais novo de Sol), sendo realizada uma roda de capoeira e cantando parabéns com bolo e doces.

Nesse reencontro após muitos dias sem voltar à ocupação, notamos como as bananeiras da Bacia de Evapotranspiração¹¹ já tinham crescido e também que parte do casarão havia sido demolida pelos próprios moradores, comprometendo ainda mais a parte que continuou erguida. Esse reencontro foi também um momento de realinhar os nossos horizontes com

¹¹ O processo de construção da Bacia de Evapotranspiração está descrito no Caderno “Autoconstruindo Saneamento Ecológico”.

os dos moradores para o ano de 2022. Até então, o nosso foco principal era na execução do parquinho, porém, após conversar com Sol e com representantes do Quilombo, entendemos que para eles a prioridade no momento era, na verdade, a demolição completa da ruína do casarão. Assim, nossos esforços foram direcionados para essa questão nas semanas seguintes, colocando a execução do parquinho em pausa.

FIGURA 15: CONHECENDO O BANHEIRO FINALIZADO.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).

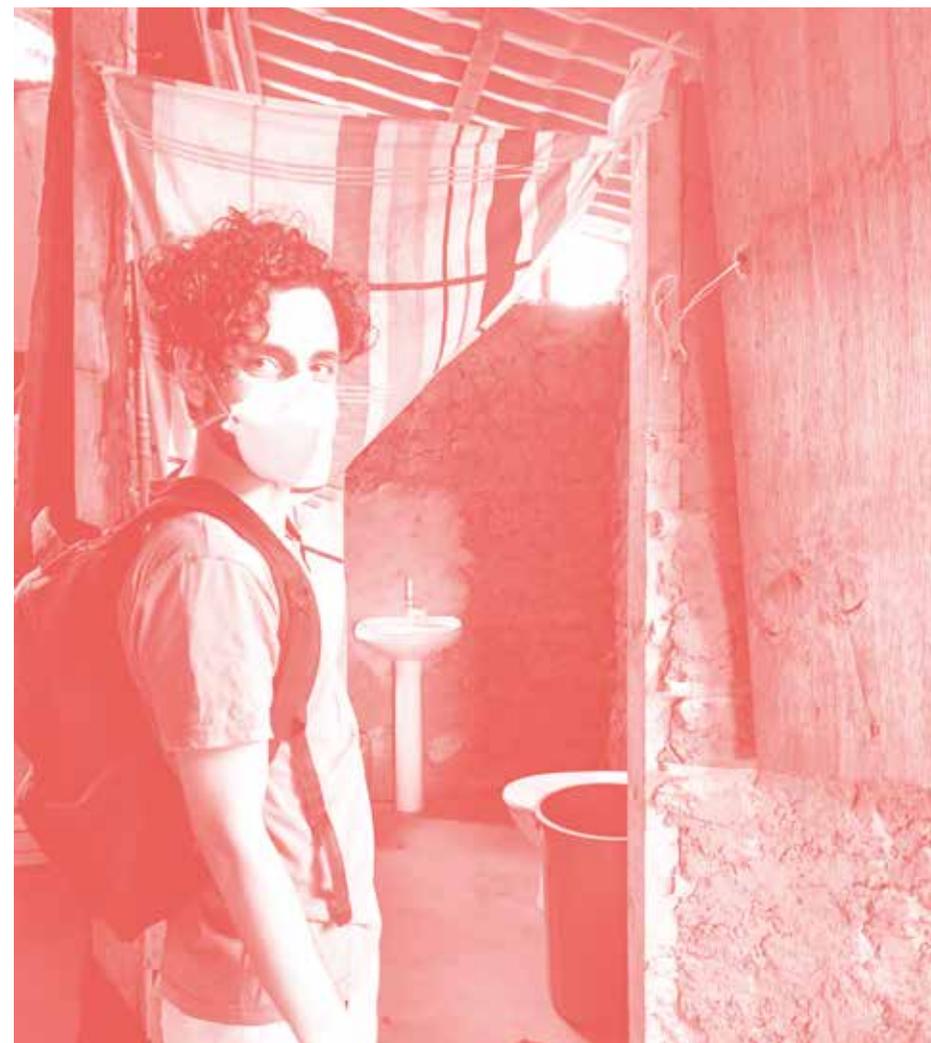


FIGURA 14: CÍRCULO DE BANANEIRA APÓS CINCO MESES FINALIZADO.
 FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



FIGURA 14: CÍRCULO DE PLANTAS PARA O EXTRAVASAMENTO DA FOSSA.
 FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



FIGURA 18: PRIMEIRA VISITA DE 2022.
 FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



Entendemos o processo como positivo no que tange ao dimensionamento do parquinho e as atividades de projeto com os moradores, conseguindo construir coletivamente através das atividades propostas uma base suficientemente detalhada para possibilitar o processo de construção efetivamente. É certo que apenas a partir da conclusão do mutirão essa reflexão poderá ser feita com maior precisão. No entanto, tendo em vista que conseguimos utilizar os produtos das atividades para dialogar com agentes externos e, principalmente, condensando em apenas dois dias de atividades de planejamento, não tomamos tempo dos moradores que também tem suas programações individuais e muitos só tem o domingo para realizar atividades de lazer.

Por outro lado, adiar o mutirão e não conseguir realizar atividades previstas, a princípio, indica um problema no desenvolvimento das ações. Atribuímos esse contratempo em parte à mudança de prioridade da ocupação, foi um momento crucial para nós enquanto assessoria compreendermos nosso papel no contexto e, contribuindo com nossa opinião técnica, somar com o que nos coube para apoiar as decisões estabelecidas. Não foi uma opção continuar com o processo do parquinho quando entendemos que essa agenda iria sobrepor à prioridade do momento colocada pelos moradores.

DEMOLIÇÃO DO CASARÃO: RISCO, CONTRATEMPO E POTENCIALIDADES

A organização espacial dos lotes na ocupação se conforma de maneira que o entorno do casarão sempre esteve desocupado¹². Esse espaço que contempla não só a estrutura em ruína mas também seu entorno é idealizado como uma área de convívio e espaços coletivos, ainda que não concretizados mas previstos. Por exemplo a horta, o parquinho, a praça, todos com intenção de serem realizados em torno da ruína além do centro comunitário já existente. O próprio casarão - que foi o primeiro teto dos moradores assim que chegaram ao terreno -, no imaginário dos moradores, ocupa um espaço que poderia ser uma escola/creche que envolvesse as crianças da ocupação e do entorno. Ou seja, esse é um espaço central no imaginário do Quilombo e isso torna ainda mais importante o cuidado durante o processo.

Durante o mês de fevereiro de 2022, empenhados em pensar nas possibilidades de demolição do casarão, nos organizamos para: avaliar possibilidades técnicas de se fazer uma demolição no contexto estabelecido; orçar o serviço com empresas e profissionais que trabalham no ramo; e pesquisar

¹² O mapa completo da ocupação está presente no “Caderno Dandara no Mapa”.

destinos possíveis para os resíduo provenientes da demolição. Conversando com os moradores estabelecemos que essas seriam nossas contribuições iniciais e que, junto a eles e aos outros grupos que atuam na ocupação, poderíamos também pensar em estratégias para arrecadar recursos que viabilizassem a empreitada.

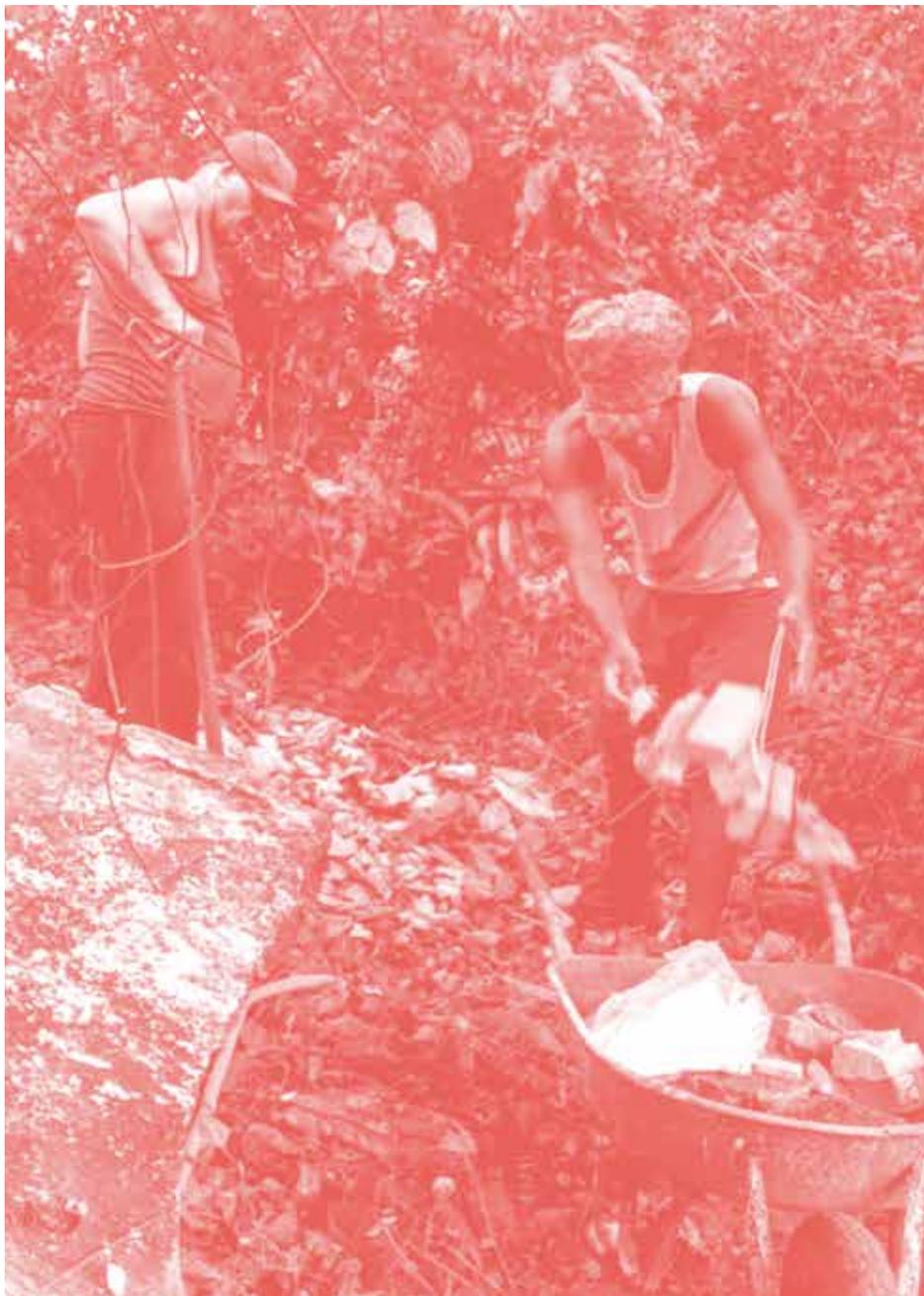
Ao consultar profissionais que trabalham com demolição, fomos orientados a manter um raio de pelo menos 5 metros da ruína sem nenhum tipo de estrutura construída que se deseje preservar. Esses 5 metros além de representar uma margem de manobra para o maquinário também é um espaço que oferece risco de desmoronamento de parte da construção. Essa orientação foi de encontro a opinião que demos aos moradores de não construir o parquinho e nem começar a horta antes de terminar de demolir a ruína. No entanto, a partir dessa informação passamos a considerar uma condição nova, de construir apenas brinquedos que fossem móveis, sendo possível alocar na posição ideal do parquinho após a demolição completa. Essa proposta ainda é uma possibilidade em aberto e para se concretizar depende de um maior detalhamento dos brinquedos e de dar um passo atrás refazendo as atividades que nos fez consolidar o projeto do parquinho com os moradores.

O orçamento que realizamos com um profissional foi de R\$15.000,00 para demolir e retirar os resíduos da demolição. Consideramos o valor muito superior ao que estávamos pensando como acessível para arrecadar, e ao seguir conversando com o profissional e contextualizando a ação como um todo conseguimos um desconto de R\$5.000,00, ficando o valor da demolição R\$10.000,00. Ainda com essa redução significativa, o valor final fica impraticável nas condições que atravessamos no momento. Nesse sentido, conversando com as lideranças, consideramos sondar a possibilidade de contratar a demolição apartada da retirada do entulho. Entendemos que o transporte do resíduo para fora da ocupação corresponde a uma parcela grande do valor final, logo, sem ela, haveria um gasto menor. Por outro lado, tecnicamente, a solução de retirar o entulho enquanto se executa a demolição é mais apropriada por facilitar o trabalho de quem vai demolir, além de destinar o resíduo para local apropriado.

FIGURA 19: ÁREA DE RUÍNA JÁ DEMOLIDA PELOS MORADORES, NÃO EXISTENTE MAIS.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



FIGURA 20: RATINHO E THOMAS RECOLHENDO ENTULHOS DO CASARÃO PARA CAMADA DA FOSSA.
 FONTE: INSTITUTO GOETHE. (2021).



Tendo essa alternativa em vista, deixamos de olhar para o entulho estritamente como um resíduo que deveria ser retirado e destinado a outro local, para voltarmos a olhar para ele como um recurso possível de ser empregado na própria ocupação, na vizinhança, ou em outras ocupações do MSTB. A primeira e mais direta associação foi lembrar do uso do entulho direcionado para a execução da Bacia de Evapotranspiração (BET) que construímos em mutirão com os moradores. Na ocasião utilizamos aproximadamente 3m³ de entulho, valor que corresponde a 1,5% dos 200m³ que estimamos gerar com a demolição da ruína¹³, logo, seria possível executar 66 BETs com as mesmas dimensões da que realizamos.

Além da BET, pesquisamos por outras formas de reaproveitar o entulho e, ao pesquisar mais detalhadamente sobre a destinação dos resíduos, encontramos primeiramente a resolução nacional onde se estabelece diretrizes, critérios e procedimentos para a gestão dos resíduos da construção civil. A resolução CONAMA n^o 307 apresenta algumas definições e classificações que nos ajudam a traçar estratégias para destinações possíveis dos Resíduos da Construção Civil (RCC). Primeiro, em seu artigo 3^o a resolução apresenta a seguinte divisão por classes:

CLASSE A - são os resíduos reutilizáveis ou recicláveis como agregados, tais como: tijolos, blocos, telhas, placas de revestimento, argamassa, concreto, tubos, meios-fios;

CLASSE B - são os resíduos recicláveis para outras destinações, tais como: plásticos, papel/papelão, metais, vidros, madeiras e outros;

CLASSE C - são os resíduos para os quais não foram desenvolvidas tecnologias ou aplicações economicamente viáveis que permitam a sua reciclagem/recuperação, tais como os produtos oriundos do gesso;

CLASSE D - são os resíduos perigosos oriundos do processo de construção, tais como: tintas, solventes, óleos e outros.

¹³ Estimativa de metragem cúbica feita através da base de CAD das dimensões totais da edificação e através de fotos para localizar paredes internas. Para o resultado final obtemos as medidas dos metros cúbicos por metro linear de parede de alvenaria somados aos metros cúbicos por metro quadrado das lajes.

A partir dessa divisão é possível reconhecer que a demolição da ruína na ocupação irá formar quase que estritamente resíduos de classe A. Isso porque o antigo casarão já está destelhado, não tem mais esquadrias, sendo composto basicamente pela sua estrutura em concreto armado e algumas paredes em alvenaria. Nesse sentido a resolução indica em seu artigo 10º que

Os resíduos da construção civil deverão ser destinados das seguintes formas: Classe A: deverão ser reutilizados ou reciclados na forma de agregados, ou encaminhados a áreas de aterro de resíduos da construção civil, sendo dispostos de modo a permitir a sua utilização ou reciclagem futura.

Logo, segundo a norma, existem dois caminhos possíveis para o RCC, o da reciclagem ou do reúso. Sobre isso, Addis (2006) menciona que

Apesar da reciclagem se fazer necessária em muitos casos, ainda existem muitas formas de se reutilizar os materiais, ao invés de inseri-lo no início da cadeia produtiva. Tirar os holofotes da reciclagem e colocá-los na coleta de materiais usados e no reúso pode reduzir o reprocessamento envolvido e, por consequência, levar à economia de energia. Alcançar estes objetivos não apenas reduziria a crescente pressão sobre locais de aterro, como também reduziria a extração de novos recursos naturais da Terra, o que reduziria o impacto ambiental dos processos de extração. (ADDIS, 2006)

Para o caso de Dandara, a reciclagem se apresenta como a alternativa menos apropriada justamente por depender do acesso ao maquinário para transformar o resíduo inerte em agregado. Nesses casos poderiam ser produzidos, por exemplo, blocos, mobiliário, calçamentos, tijolos ecológicos, pisos e contrapisos, mourões, argamassas de assentamento. Por outro lado, a alternativa do reúso após a demolição poderia ser apropriada ainda para outros usos, como enchimentos de fundações, aterro de vias e acertos topográficos de terrenos. Adicionando a ressalva que para acertos topográficos o ideal é que seja feito apenas com solo pois entulhos geram degradação do solo, e não permitem uma compactação adequada.

Atualmente, nossos esforços estão voltados para definir junto aos moradores do Quilombo qual a melhor estratégia de demolição do casarão e retirada dos entulhos. Esse passo precederá várias ações que estão planejadas para acontecer na ocupação: construção do parquinho, da praça e da horta comunitária; e por isso os moradores acham muito importante que estejamos articulando essas ações no momento. Nossa intenção é aprofundar o contato com outros grupos que estão conectados à ocupação, como o Grupo de Pesquisa Territórios, Hegemonia, Periferias e Ausência (UNEB) - construção da horta coletiva - para que o nosso horizonte de possibilidades se amplie, e possamos chegar juntos na alternativa que contemple melhor os moradores de Dandara.

200M ³ DE ENTULHO			
FOSSAS	VIAS	SAPATAS	CAMINHÕES
66 und	1000m ²	250 und	10 viagens
cada und 2m x 1m x 1,5m	cada m ² 20cm	cada und 1m x 1m x 0,8m	capacidade 20m ³
		aproximadamente 10 unidades habitacionais	

FIGURA 21: O ANTIGO CASARÃO, QUE JÁ EXISTIA NO LOTE.
FONTE: REPOSITÓRIO DE NÓ(S) (2021).



REFERÊNCIAS

CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE – CONAMA. Resolução Número 307, de 5 de Julho de 2002.

ADDIS, Bill. **Reuso de materiais e elementos de construção.** 1ª edição. São Paulo: Oficina de Textos, 2010.